

Entre a Sintaxe e o Discurso: contributos para uma análise da fragmentaridade em *Ontem Não Te Vi Em Babilónia*, de António Lobo Antunes

Marina Rocha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Abstract

The main aim of the present paper is to study some of the most characteristic patterns in the writing of António Lobo Antunes, namely in *Ontem Não Te Vi Em Babilónia*, based on a dual linguistic/literary viewpoint, involving discourse and syntactic analysis of this novel. Recognizing a fragmented discourse, I focus my attention on two strategies of a high-level reading that question the possibility of *fragmentation*: polyphony (Reyes: 1984) and VP ellipses, specifically *Gapping* (Matos: 1992/2003). In conclusion, I will try to present a view of the stability of a macro-text as a system that is upheld via a continuity of occurrences and ellipses, which illustrate the trade-off between compactness and clarity in the novel.

Keywords: fragmentation, polyphony, VP ellipses, macro-text, micro-text

Palavras-chave: fragmentaridade, polifonia, elipse verbal, macro-texto, micro-texto

1. Introdução

A escrita de António Lobo Antunes é comumente apelidada por leitores desatentos de *complexa* porque *desconexa*, o que é, em meu entender, resultado do não reconhecimento das estratégias literárias e linguísticas inerentes aos seu romances.

É precisamente no intuito de desmontar sistematicamente essas estratégias linguístico-literárias que me proponho analisar a obra *Ontem Não Te Vi Em Babilónia*. Precursora de técnicas que o autor vem consolidando em *O Meu Nome É Legião* e, mais recentemente, em *O Arquipélago da Insónia*, *Ontem Não Te Vi Em Babilónia* assume-se, na categoria romance, um ponto de viragem na trilogia supracitada.

Começo por citar Maria Alzira Seixo, talvez a sua maior especialista:

Como aconteceu em A Morte de Carlos Gardel, e acontece em Ontem Não Te Vi em Babilónia (...), a ambiguidade não é fácil de receber em literatura, se se pretende uma compreensão do texto com tranquilidade e interpretação unívoca. Os romances de ALA são dos mais ricos (...) de sublinhar é, sobretudo, o apuro verbal, porque ele dá o significado dos textos e respectivo alcance ideológico. Apuro que procura despojar a palavra escrita da sua qualidade de inscrição, abalando-lhe o registo indelével para tentar a impossível, aérea, mercuriana

imponderabilidade do dizer que (se) liberte. Chamei a isto, em 2002, poética do desprendimento, por dar conta de uma articulação tensa entre (...) a escrita manuscrita e ambidestra (...) e a consciência da vulnerabilidade de todo o escrito e sentido (...) que implica o intento da sua rasura ou volatilização (emendas, interditos, suspensões da frase, palavras inacabadas, espaços em branco com significado intenso (...) na imaterialidade de uma escrita suspensa¹.

Considero que nenhum estudo desta obra será capaz de dar conta desse ‘intento de rasura e volatilização’, trave-mestra de uma ‘escrita suspensa’, a não ser um de natureza linguística.

1.1. Dados observáveis

O texto em análise é caracterizado por:

- i. uma pluralidade de vozes / discursos fragmentados não assumidos;
- ii. um desenraizamento das categorias deícticas;
- iii. um ritmo sincopado decorrente de reformulações e elipses verbais que enformam uma ‘sintaxe incompleta’.

Torna-se então lícita a questão: como encontrar unidade num texto aparentemente desconexo?

1.2. Hipótese

Proponho a hipótese seguinte: E se, como toda a assistemática intencional, a fragmentaridade for vector de unidade numa obra que concretiza o ensejo de fazer de relatos nocturnos mimese da própria vida, como se pode ler inclusivamente no romance: *isto não é um livro, é a vida*².

1.3. Análise textual

Neste artigo, debruçar-me-ei sobre o que considero duas estratégias de fragmentaridade: a reformulação polifónica, de índole discursiva, e a elipse verbal, de natureza sintáctica.

Na esteira da teoria dos actos ilocutórios de Austin (1980) e Searle (1969), Oswald Ducrot (1980) mostra que os segmentos de enunciados que carregam intenções subjacentes ao discurso prefiguram, *a priori*, a co-existência de dois pares enunciativos: o primeiro – locutor/alocutário – desdobra-se numa multiplicidade de segundos – enunciator/destinatários. Assim, se encararmos como locutor a voz que pondera em

¹ Lembro aqui a merecida atribuição do grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, no passado dia 10 de Junho, a Maria Alzira Seixo pelo seu trabalho meritório enquanto professora catedrática, crítica literária e grande especialista em Literatura Portuguesa.

² Lobo Antunes: 2006: 473.

cada capítulo de *Ontem Não Te Vi Em Babilónia*³, concluímos que o número de vozes é limitado e a sua ‘entrada em cena’ obedece a uma lógica matemática.

Sendo dividida em seis capítulos, orientados segundo coordenadas deícticas temporais, que medeiam entre a meia-noite e as cinco da manhã, estes subdividem-se em quatro subcapítulos, correspondendo cada um deles a uma voz protagonista. A organização dessas vozes pode ser explicada pela seguinte expressão numérica: $3 + 1 \times 6 = 9$. Quer isto dizer que nos primeiros três subcapítulos as vozes correspondem a três personagens, mantendo-se ao longo dos capítulos seguintes. No quarto subcapítulo, surge sempre uma nova voz (ao todo, seis), sendo que a personagem por detrás dela se relaciona com a do subcapítulo imediatamente anterior.

Posto isto, a obra desenrola-se a partir de um ponto centrífugo – o suicídio da ‘rapariga das tranças’ – e é constituída pela miscigenação de relatos nocturnos de personagens que opinam quer sobre esse suicídio, quer sobre os episódios, sempre traumáticos, do seu Passado que, como este, se repercutem na vivência angustiada do Presente.

1.4. Questões / Respostas

Face ao até aqui exposto, duas questões se colocam:

i. Se o número de vozes é limitado, como se consubstancia o paradigma polifónico como estratégia de fragmentaridade?

ii. Que relação se estabelece entre a polifonia discursiva e a elipse sintáctica?

No sentido de avançar com respostas fundamentadas a estas questões, socorro-me do trabalho teórico de três autores que, por questões de ordem temporal e expositiva, passarei a apresentar sumariamente.

O primeiro é Joaquim Fonseca (1992/1994). O autor, sustentado pela designação de ‘romance polifónico’, cunhada por Bakhtine, mostra que são dois os ‘eixos’ de ‘conjugação de vozes’ num discurso polifónico escrito:

1. o eixo do discurso como unidade global dominada pela correlação EU-TU, ou seja, Locutor e Alocutário;

2. o eixo dos discursos nos discursos, isto é, do encaixe ou irrupção no discurso de um dado locutor de outras enunciações, outros discursos / discursos de outros.

A isto chamou *interdiscursividade* configuradora de *heterogeneidade* textual.

Como é que tal *interdiscursividade* se verifica em *Ontem Não Te Vi Em Babilónia*?

Através daquilo que, tendo por base os estudos de Bühler, Fernanda Irene Fonseca, a segunda dos três autores, chamou *Transposição Fictiva* (Fonseca, 1992) patenteada por mecanismos de *deixis am Phantasma*. No âmbito deste mecanismo deíctico, o sujeito–locutor, como marco de referência egocêntrica (*eu-origo*), e servindo-se de coordenadas espaço-temporais, cria potenciais ‘mundos possíveis’, neste caso pertencentes ao Passado. Temos, portanto um Locutor e vários Enunciadores. Creio que

³ Lobo Antunes: 2006

alguma dificuldade de leitura desta e das outras obras romanescas antunianas reside no facto de só um leitor preparado para leituras polifónicas ser capaz de reconhecer os locutores que Reyes (1984), a terceira autora, apelida de ‘irónicos’. Esses locutores entrosam no seu discurso em primeira pessoa outras vozes / outros discursos, servindo-se de estratégias várias, ‘descodificados’ por níveis de leitura que a autora traduz por esquemas de interpretação polifónica. Repare-se que as competências de leitura activadas vão no sentido da superfície (leitura irónica) até à profundidade (leitura literal), o que implica, desde logo, o reconhecimento dos três níveis de locução que, à superfície do texto, resultam ‘irónicos’. Obviamente a leitura de textos de Lobo Antunes pressupõe locutores e interlocutores de natureza irónica.

Ora, a esta luz, e segundo Figueiredo (2000/2004), as reformulações, erradamente tidas como motores de corte/quebra no discurso, surtem precisamente efeitos polifónicos desse entrosamento de vozes, de acréscimo de informação, de indagação e de comentário, assegurando a manutenção de cadeias de referência e isotopias enunciativas. Em *Ontem Não Te Vi Em Babilónia* este mecanismo é igualmente potenciador de ‘outros mundos’ criados fictivamente *am Phantasma*.

Por estas razões, optei por organizar a minha análise dos *corpora* segundo uma distribuição dos exemplos⁴ que, no primeiro *corpus*, representam casos de reformulação discursiva e, no segundo, casos de convocação fictiva de outros contextos enunciativos.

Começo, então, pelos casos de reformulação discursiva.

1.4.1. Reformulações como comentário:

(1) [Polícia de Évora] *Convenci o que me acompanhou que se dedicava (tão pretensioso este verbo, que se dedicava, calcule-se) (105)*

(2) [Alice] *(Escrevi verde antes de corrigir para azul e não sei porquê, saiu-me, há-de haver uma parte da cabeça desejosa de trair-nos) (128)*

(3) [Polícia de Évora] *Escrevi quatro da manhã e falso, quatro e dezoito e o dezoito terrível (321)*

(4) [Alice] *Limpavam-se com os (não posso chamar lenços àquilo) Limpavam-se com os lenços (427)*

O exemplo (2) coloca, desde logo, a questão da escrita/oralidade destes relatos, que ora são referidos por meio de verbos como ‘contar’, ‘dizer’, ora por meio de nomes como ‘conversa’, ‘história’, entre outros.

Quanto aos restantes, e apesar de o enunciado ser sincopado pelo corte gráfico (note-se aqui o uso sintomático dos parênteses), surtem efeitos de comentário, assegurando a manutenção dos respectivos referentes. Em (1) a anáfora fiel (Kleiber, 1990; Figueiredo, 2000) é óbvia, dada a repetição literal da forma verbal ‘dedicava’, acrescida de anáfora infiel quando se opta pelo uso predicativo do adjectivo

⁴ Acrescento ao lado dos exemplos os números das páginas que lhes correspondem no romance.

‘pretensioso’ ou pelo uso classificatório da mesma forma verbal pela classe morfológica a que pertence, verbo.

Em (3) temos uma anáfora fiel, desta vez, por repetição literal do numeral, seguida do acréscimo de informação reformulada, por sua vez, assente no comentário qualitativo, ‘terrível’.

Em (4), cortando a frase antes do nome que integra o SN pleno (‘os lenços’), membro do constituinte oblíquo ‘com os lenços’, acrescenta-se entre parênteses novamente um comentário avaliativo do uso de tal lexema, no qual se verifica um caso de anáfora infiel pelo recurso ao pronome demonstrativo contraído com a preposição, ‘àquilo’. Não ficando por aqui, a personagem, resignada, retoma a frase no ponto em que a interrompera para usar o lexema ‘lenços’, que faz parte do constituinte oblíquo.

Eis agora o segundo *corpus*, que ilustra instâncias de:

1.4.2. Reformulações como convocação de outros contextos enunciativos por meio do mecanismo deíctico ‘am Phantasma’:

(5) [Polícia de Évora] *Eu um estranho como aqui à meia-noite só que em lugar de campos canteiros onde a erva crescia sobre um banco tombado, borboletas, duas azuis e uma branca ou uma azul e duas brancas e a rapariga das tranças e observando melhor rapariga nenhuma, uma peça solta na minha barriga* (37)

(6) [Polícia de Évora] *Um domingo eu a brincar com formas de empadas e nisto a minha mãe que trazia um alguidar e um frango na mão, não interessa, acho que um frango, as penas arrepiadas e o olho zangado, mesmo tendo dois olhos um único olho zangado, onde é que eu ia, pés, pernas, avental, frango e a minha mãe em cima daquilo tudo.* (53)

(7) [Alice] *A pensar em Évora, não no meu marido, e ao mencionar Évora não me refiro à cidade, refiro-me às galinhas e coelhos de um tempo mais feliz* (157)

Os três exemplos são casos de transposição fictiva através de deixis ‘am Phantasma’, partindo de um ponto de referência egocêntrico, o EU.

Em (5) ‘eu’ e ‘como’ anunciam uma comparação entre dois enunciados, corroborado por ‘só que em lugar de’ que introduz, em termos enunciativos, um contexto num outro espaço-tempo. É na referenciação deste outro contexto que o enunciador, servindo-se do pretérito imperfeito, ‘crescia’, descreve o que a sua ‘memória discursiva’ lhe permite recuperar, o exterior da casa da ‘rapariga das tranças’ antes do suicídio desta, trazido ao plano actual da enunciação. Ao reformular o número de borboletas e a sua cor, o enunciador enceta um processo de precisão (por contradição) da informação veiculada ao ponto de, recorrendo à forma gerundiva, ‘observando’, seguida do comparativo, ‘melhor’, se referir ao desaparecimento dessa ‘rapariga’, o suicídio.

Em (6) é o adverbial ‘um domingo’ que leva o locutor a criar fictivamente um outro enunciador numa situação de enunciação no Passado, desta feita, ele próprio mas na infância a observar a mãe preparando-se para matar um galináceo. As reformulações várias representam oscilações que ele pondera ‘não interessar’, mas que, na verdade, usa para especificar, servindo-se de merónimos (Fátima Silva, 2005) de ‘frango’: ‘penas’,

‘olho’, ‘pernas’ e para retomar, resumindo, por anáfora infiel, recorrendo a um quantificador como expressão de síntese, ‘tudo’.

Em (7) o que está referencialmente em paralelo não é o sujeito enunciativo, EU, mas o ‘aqui’ / ‘agora’, recuperados pela memória, retomados e reformulados com base num jogo do inesperado: o antecedente ‘cidade’ é especificado não pela expressão de partes ou merónimos, mas por associações isotópicas inesperadas a ‘galinhas e coelhos’, prefiguradores de uma cidade ruralizada noutro tempo ‘mais feliz’.

1.5. A Elipse Lacunar

Foram passados em revista alguns casos de reformulações discursivas que entrecortam o discurso, assegurando sempre a manutenção de cadeias de referência.

Ora, o bom entendimento do que procurei mostrar permitir-me-á provar que é neste âmbito polifónico que Lobo Antunes decide levar a língua até às suas últimas consequências. Neste sentido, submete a frase simples a uma espécie de *depuração* tal que omite o que, *a priori*, não seria possível: os predicadores verbais.

Gabriela Matos (1992) e (2003) estudou longamente diversos tipos de elipse do predicado.

Em António Lobo Antunes, encontramos frequentemente aquilo que a autora designa *Elipse Lacunar* ou *Gapping*.

Matos (2003) defende que a elipse lacunar afecta o verbo principal flexionado da frase ou a sequência de verbos auxiliares e principal, deixando obrigatoriamente realizados dois constituintes, usualmente argumentos do predicador verbal [ou] outros [e também] adjuntos. E apresenta exemplos canónicos que reproduzo parcialmente a seguir.

(8) Ana lê romances aos filhos em casa e a Maria [-] poemas aos alunos nas aulas.

[-] = lê (verbo)

(9) A Ana lê romances aos filhos e a Maria [-] aos alunos.

[-] = lê romances (verbo + objecto directo)

(10) À Sexta-feira a Ana vai à discoteca e ao Sábado ao [-] concerto.

[-] = a Ana vai (sujeito + verbo).⁵

Face ao acima exposto, a autora acrescenta que a elipse lacunar ocorre tipicamente no interior de frases coordenadas ou comparativas e nunca em frases subordinadas. Neste sentido, apresenta também exemplos agramaticais de possíveis casos de *gapping* em subordinação, que cito a seguir.

(11) * Ele só via defeitos onde ela [-] virtudes.

[-] = via (verbo)

(12) * Eu compro-lhe um frigorífico se ela [-] uma casa.

[-] = me comprar (objecto indirecto + verbo)

⁵ Matos: 2003: 902. A numeração destes exemplos é da minha responsabilidade.

- (13) * Nós partiremos para o Brasil quando eles [-] para os Pirenéus.
[-] = partirem (verbo)

Nesta perspectiva, seguindo pressupostos teóricos de Brucart (1999b), a autora mostra que em espanhol é gramatical a ocorrência deste tipo de elipse em frases completivas, relativas e adverbiais e dá um exemplo do tipo:

- (14) *Yo encontraba problemas allí donde Pedro facilidades.*

Ora, o que António Lobo Antunes faz é precisamente trazer para o português uma estrutura elíptica frequente na sintaxe do espanhol, ou seja, omite o verbo, núcleo do constituinte SV, em dois tipos de contextos sintácticos:

- i. em frases simples, como acontece no exemplo (15);
- ii. em estruturas de subordinação como as que vemos nos exemplos (16), (17) e (18).

Vejam-se os respectivos exemplos, que reproduzo segundo a seguinte ordem: em primeiro lugar, a citação, *ipsis verbis*, dos que integram *Ontem Não Te Vi em Babilónia*, e, em segundo lugar, os mesmos exemplos acrescidos do que reconstituiu como verbos elididos.

- (15) [Ana Emília] *A senhora o meu nome.* (15)

(16) [Polícia de Évora] *Depositou o coelho ou o urso à cabeceira da lápide onde os vizinhos flores, as pupilas do bicho um par de contas de vidro não compreendendo igualmente.* (198)

- (17) [Alice] *Eu por exemplo à espera que o meu marido comigo e não veio.* (258)

(18) [Polícia de Évora] *Se calhar a filha dado que todos nós filhos, todos vírgula, eu não.* (331)

- (15a) [Ana Emília] *A senhora [chamou, disse] o meu nome.* (15)

(16a) [Polícia de Évora] *Depositou o coelho ou o urso à cabeceira da lápide onde os vizinhos [punham, colocavam] flores, as pupilas do bicho [pareciam] um par de contas de vidro não compreendendo igualmente.* (198)

(17a) [Alice] *Eu por exemplo à espera que o meu marido [viesses] comigo e não veio.* (258)

(18a) [Polícia de Évora] *Se calhar [era] a filha dado que todos nós [temos] filhos, todos vírgula, eu não.* (331)

Repare-se que em (15) os dois SN's (Brito, 2003) lexicalmente realizados, 'a senhora' e 'o meu nome', têm a relação gramatical de sujeito e objecto directo respectivamente. Ora, é a natureza semântica do argumento interno que legítima e permite reconstituir 'chamar/dizer' (verbos declarativos (Duarte, 2003)) como os predicadores omissos. O mesmo acontece em (18) em que 'temos' é reconstituível pelo que a personagem apresenta após o momento de retoma/reformulação, 'eu não [-]' – (tenho filhos).

Exemplo análogo é aquele que encontramos em (16), uma vez que, inseridos numa relativa, iniciada pelo adverbial relativo, ‘onde’, temos de novo dois SN’s plenos, o primeiro, ‘os vizinhos’, com a relação de sujeito, e o segundo ‘flores’, com a relação de objecto directo. Recuperando o espaço deste evento por meio do nome ‘lápide’ e reconhecendo a natureza temática do argumento interno, os verbos legítimos são indubitavelmente ‘pôr’ ou ‘colocar’.

Quanto à segunda parte deste segmento, temos novamente dois SN’s, ‘as pupilas do bicho’ e ‘um par de contas’, sujeito e predicativo do sujeito respectivamente, em que, em meu entender, sucede uma de duas coisas: ou o autor pretendia criar um contexto metafórico e então o verbo reconstituído seria o copulativo ‘ser’ (sob a forma ‘eram’), ou apenas uma relação de comparação por semelhança e então o verbo elidido seria ‘parecer’ (sob a forma ‘pareciam’).

Em (17) o verbo de movimento recuperado, ‘viesse’, aqui no imperfeito do conjuntivo, regido pela expressão ‘à espera que’, integra um caso de elipse catafórica, dado que a condição de ocorrência resulta da posposição da forma verbal ‘veio’. Assim, o verbo elidido funcionaria como antecedente, logo, recuperado por um processo anafórico em sentido inverso.

Vemos assim que, apesar de usar a elipse do verbo de forma inovadora, Lobo Antunes não o faz de forma gratuita, dado que deixa ‘pistas’ e condições perfeitamente previstas na língua para legitimação e reconstituição do que está omissos.

Todavia, estas não são as únicas condições de reconstituição de verbos omissos. A *negação frásica* em Português Europeu é outra delas.

Como se sabe, a negação em PE (Matos, 2003), quando actualizada sob a forma do marcador ‘não’, ocorre a preceder o núcleo do Sintagma Verbal, o Verbo, constituindo aquilo que se designa de negação frásica.

Por sua vez, a negação é um dos casos de legitimação de elipse do predicado a que Matos chama *Despojamento* (Matos, 2003).

Eis dois exemplos canónicos de legitimação da elipse por negação (os exemplos são de novo de Matos, 2003):

(19) Tu podes sair de casa hoje mas a tua irmã não [-].

[-] = pode sair de casa hoje.

(20) A: O António não quer assistir ao concerto pela televisão.

B: Nós também não [-]

[-] = queremos assistir ao concerto pela televisão.

Ora, como no *corpus* de *Ontem Não Te Vi Em Babilónia* o V está frequentemente omissos, o advérbio ‘não’ parece constituir, por si só, veículo de legitimação da elipse do V:

(21) [Ana Emília] *E aposto que não [é] escola hoje em dia, [é talvez] uma repartição.*

(22) [Ana Emília] *Apercebeu-se que o barquinho não [estava] vazio.*

(23) [Ana Emília] *Em alturas assim é pena que os comboios não [chegassem / aportassem] a Venezuela ou ao Tibete em lugar de Lisboa.*

Tendo como legítimos os verbos por mim recuperados entre parênteses rectos, veja-se como o marcador os precede nos três casos: *não [é] escola, não [estava] vazio, não [chegassem]*.

Note-se que, apesar da adjacência *não* nome, *não* adjectivo, como nos exemplos em destaque, este tipo de negação nunca poderia ser um caso de negação lexical como em:

(24) O réu declarou-se não culpado.

(25) Os professores (mas) não os alunos participaram neste congresso (Brito, 2003).

(26) Tratou-se de um não acontecimento.

Repare-se ainda como em (23) o verbo de movimento surge reconstituído, desta vez, não a partir de um objecto directo, mas de um oblíquo, realizado como SPrep.

1.6. Conclusão

Em suma, apesar de a noção de *escrita fragmentária* não ser nova, assistimos em António Lobo Antunes, e especificamente em *Ontem Não Te Vi Em Babilónia*, a uma redimensionação do conceito de fragmento.

Assim, pretendi mostrar, com a brevidade que se impõe num contexto de artigo como este, a mestria com que o autor se serviu de estratégias polifónicas (a reformulação é apenas um dos muitos exemplos) e sintácticas (no caso, elipse lacunar) que, aos olhos de leitores inexperientes, são ilusão de caos discursivo, mas que, na verdade, revelam uma arquitectura genial em profundidade. Relembro o que se lê no romance: *reparem como tudo se ajusta, julga-se que peças dispersas e qual quê o cenário completo*⁶.

Creio que facilmente se conclui que António Lobo Antunes exige dos seus leitores um esforço de compreensão que pressupõe um apurado conhecimento literário e linguístico, sem o qual a leitura dos seus textos resulta inevitavelmente redutora e superficial.

Referências

- Antunes, A. L. (2006) *Ontem Não Te Vi Em Babilónia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Antunes, A. L. (2007) *O Meu Nome É Legião*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Antunes, A. L. (2008) *O Arquipélago da Insónia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Austin, J. L. (1980) *How To Do Things With Words*. Oxford: Oxford University Press.
- Brito, Ana Maria (2004) Estrutura da frase simples e tipos de frases. In Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 435- 506.

⁶ Lobo Antunes: 2006: 326

- Brito, Ana Maria, Inês Duarte & Gabriela Matos (2004) Tipologia e distribuição das expressões nominais. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 797-867.
- Brucart, J. M. (1999) La elipsis. In Bosque e Demonte (orgs.), pp. 2787-2867.
- Duarte, Inês & Ana Maria Brito (2004) Predicação e classes de predicadores verbais. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp.181-203.
- Duarte, Inês (2004) Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 509-548.
- Ducrot, O. *et al.* (1980) *Les mots du discours*. Paris: Les Editions de Minuit.
- Figueiredo, O. (2004) Restos de Frases, Ecos de Gente ou a Reformulação Discursiva em ‘Que Farei Quando Tudo Arde’?. In F. Oliveira & I. M. Duarte. *Da Língua e do Discurso*. Porto: Campo das Letras.
- Fonseca, F. I. (1992) *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- Fonseca, J. (1994) Heterogeneidade na língua e no discurso. In J. Fonseca. *Pragmática Linguística – Introdução, Teoria e Descrição do português*. Porto: Porto Editora.
- Kleiber, G. & J.-E. Tyvaert (orgs.) (1990) *L’Anaphore et ses Domaines*. Paris: Université de Metz-Faculté des Lettres et Sciences Humaines.
- Lobeck, Anne (1995) *Ellipsis – Functional Heads, Licensing & Identification*. New York: Oxford University Press.
- Mateus *et al.* (2004) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Matos, Gabriela (1992) Construções de eclipse do predicado em português: SV Nulo e Despojamento. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Matos, Gabriela (2004) Construções elípticas. In Mateus *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 871-913.
- Reyes, G. (1984) *La Polifonía textual – La citación en el relato literario*. Madrid: Editorial Gredos.
- Searle, J. R. (1969) *Speech Acts: an Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Seixo, M. A. (2005) O esplendor da obra. *Jornal de Letras* 952, pp. 6-7.
- Silva, F. (2005) *Contributos para a descrição da Anáfora Associativa em Português Europeu*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Terres, José M. Hernandez (1983) *La Elipsis en la Teoría Gramatical*. Murcia: Publicaciones Del Departamento de Lingüística General y Crítica Literária – Universidad de Murcia.